

UMA NOVA PALAVRA: PIBIDEIRO (A)

Autora: Andreia Souza Santos¹
Co-autora: Joelma Santos de Sena²
Orientadora: Adriana Maria Abreu Barbosa³

Como tudo começou...

Surgiu através do Programa Institucional de bolsa de Iniciação a Docência-PIBID/UESB a palavra *Pibideiro*. Seu uso deu-se pela necessidade de batizar essa classe profissional. A utilização efetiva iniciou-se por meio eletrônico, sendo utilizado em blog e e-mail pelos bolsistas do subprojeto de Letras de Jequié-Ba.

É certo que, *pibideiro* além de denominar os agentes do PIBID, também revela ser um tratamento afetoso entre esses, já que a característica primordial do Programa é a integração. Todos os participantes desse grupo estão envolvidos na grande rede: as atividades do grupo não são feitas isoladamente, há uma interação entre os subprojetos feitos inicialmente por meio, sobretudo de blogs⁴. Assim sendo, o vocábulo *pibideiro* é uma aproximação e identificação dentro da rede maior do Programa supracitado.

Até aqui se percebe que, a sigla do programa forma a base primitiva do neologismo em questão. Dessa forma, por meio da neologia explica-se o surgimento dessa palavra dentro da recém-formada comunidade do campus de Jequié.

O que é o PIBID?

Recentemente implantado nas universidades pelo governo federal, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência-PIBID é realizado com o apoio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES. Tendo como objetivos primordiais incentivar a formação de professores para a educação

¹ Graduanda do V semestre de Letras e, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID/UESB, subprojeto de Letras, campus de Jequié. (santos-andreia@hotmail.com)

² Graduanda do V semestre de Letras e, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID/UESB, subprojeto de Letras, campus de Jequié. (Joelma_senna@hotmail.com)

³ Professora coordenadora do Subprojeto de Letras de Jequié, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID/UESB, campus de Jequié.

⁴ <http://pibidletrasjq.blogspot.com/> ; <http://pibiduesb.blogspot.com/>

básica; fortalecer a tríade ensino-pesquisa-extensão na formação, inicial e continuada, de professores; valorizar o contexto da escola pública como espaço de produção teórica, de trabalho intelectual e de desenvolvimento de competências profissionais docentes.

È com este intuito que, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, integra-se a esse Programa o Projeto Institucional Microrrede Ensino-Aprendizagem-Formação: ressignificando a formação inicial/continuada de estudantes de licenciatura e professores da educação básica, com a proposta de permitir a auto-formação e a formação do outro dentro da comunidade escolar, e, também fortalecer os vínculos entre a universidade e as escolas da educação básica.

O processo formativo da palavra

Neologismo de nível sintático, *pibideiro* é formado morfológicamente por derivação, tendo como palavra primitiva a sigla PIBID⁵. Assim, o processo formativo desse signo está alicerçado na derivação sufixal: ocorre quando há acréscimo de um sufixo ao radical, exemplo: pibid+eiro.

Conforme Lopes (2003), em “Lições de Morfologia da Língua Portuguesa”, o morfema *-eiro* enquadra-se, gramaticalmente, na categoria dos sufixos homófonos, que apresenta significado distinto para o mesmo significante. Sabendo disso, nota-se que, nesse caso específico, o significante *pibideiro* pode ser usado, tão somente, no sentido de denominar o profissional, quem trabalha e /ou é oriundo do PIBID; também, na forma de adjetivo.

O sufixo em questão (*-eiro*), como aborda Paschoalin (1997), classifica-se ainda em nominal, já que ele é utilizado para formar substantivo e adjetivo, indicando agente, profissão. A classificação dada pela autora efetiva o título de palavra ao signo *pibideiro*, dando assim mais autoridade e autonomia ao grupo usuário dessa nova palavra.

Sabe-se que esse signo (*pibideiro*) é um neologismo sintático, visto que supõe a combinação de elementos já existentes no sistema lingüístico português. Para Alves (1990) o sufixo é (*-eiro*) um elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribuindo a palavra-base uma idéia que na maioria das vezes altera a classe gramatical da palavra.

⁵ Vocábulo também neológico, tipo especial de composição sintagmática acronímica, forma neologismos através de siglas: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência - PIBID

A autora caracteriza, especificamente, o sufixo *-eiro* como denotador de um agente praticante de ação; um indivíduo responsável por realizar uma ação. Essa concepção reforça com veemência o uso desse sufixo para a criação do vocábulo. Logo, A denominação *pibideiro* traz uma idéia forte de agente responsável pela constituição e êxito do programa.

Assim, a utilização do sufixo *-eiro* é mais plausível dentro do ambiente PIBID, deixando a concorrência dos sufixos *-ano* *-ista* (se houver), que designam respectivamente *próprio de* e *adepto de*, insuficiente para caracterizar de maneira completa a identidade da comunidade *pibideira*. Além disso, os sufixos concorrentes já soam estranhos para os usuários dessa nova palavra.

Basílio comenta que, a concorrência dos sufixos é um dos problemas básicos com que se defronta a pesquisa no âmbito da formação de palavras, o jogo da aceitação ou não de combinações de forma. No entanto, tal problema não foi detectado dentro ambiente do PIBID no campus de Jequié. Nesse sentido, observa-se o que traz a autora a respeito dessa desinência:

*Um outro exemplo seria o do sufixo -eiro. Em uma de suas várias acepções, o sufixo -eiro se adiciona a substantivos, geralmente concretos, para formar substantivos que indicam indivíduos que exercem alguma atividade sistemática em relação ao objeto concreto que serve de base para formação da palavra. Por exemplo, a partir de sapato, cesta, camisa, livro, etc., temos respectivamente sapateiro, cesteiro, camiseiro, livreiro, e assim por diante. A palavra doleiro, de surgimento recente nos jornais, é formada dentro desse processo geral.*⁶

Esse estudo mostra, então, que, *pibideiro* é realmente neológico, já que apresenta um significante inteiramente novo, além de preencher a necessidade lingüística da comunidade a qual pertence.

Logo, compreende-se que, a palavra *pibideiro* designa os participantes do Programa Institucional de Iniciação à Docência. São *pibideiros*, coordenadores, orientadores, supervisores, todos que estejam ligados diretamente ao referido programa.

A constituição da Identidade do PIBID

A identidade na pós-modernidade não pode ser concebida como algo unificado e inabalável, efetivamente as mudanças sociais do mundo moderno nos levam a pensar a

⁶ BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000, p.08.

identidade cultural de forma descentrada e, em constantes mudanças. Stuart Hall (1999:14) afirma que “as identidades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constante, rápida e permanente”.

O sujeito que até então vivia uma identidade estável, com o advento da globalização, tornou-se um indivíduo fragmentado. Com efeito, o homem pós-moderno passou a sofrer influências de outras culturas, modificando seus pensamentos e sua estrutura social e cultural, e conseqüentemente, surgem assim novas identidades.

Esta concepção de identidade trazida por Hall mostra que, o neologismo pibideiro surgiu da necessidade de identificação dos bolsistas do projeto PIBID, especificamente com a intenção de costurar o sujeito à estrutura. Havendo uma estabilidade dos bolsistas com o mundo cultural a que pertence, tornando ambos, bolsistas e PIBID, unificados, construindo a identidade do grupo, logo que é uma comunidade recém-formada.

No momento que os bolsistas do subprojeto de Letras de Jequié passaram a se comunicar por e-mail, utilizando o termo *pibideiros*, percebemos que este tratamento criava uma identidade própria, deslocando o bolsista de um grupo maior, graduandos da UESB, e centralizava no grupo específico, bolsistas do PIBID. Com tantos papéis a assumir no mundo moderno, ter uma identidade própria torna o grupo mais coeso.

Ora o uso do termo pibideiro nos identifica dentro do campus, uma vez que, além de sermos graduandos de um determinado curso, monitores em disciplinas, voluntários em projetos, entre outras, somos bolsistas de um projeto específico da Universidade, deste modo não seremos confundidos em nossos campos de atuação (Universidade e colégio), em especial, no colégio, não somos estagiários.

As palavras assim como as identidades nascem das relações de similaridades e diferenças que possuem com os outros, existindo desta forma uma analogia entre língua e identidade. A conceituação da identidade dos pibideiros não nos afasta da de alteridade, o outro que não é pibideiro. Por exemplo, o graduando contribui para reforçar a ideia de identidade do pibideiro, já que, para ser um pibideiro, não basta ser estudante de graduação tem que está inserido na rede PIBID, ter sido selecionado por análise de currículo e entrevista.

A palavra pibideiro carrega consigo a identidade da comunidade PIBID, identificando e aproximando sujeitos que a ela pertence, criando, contudo, um grande

poder de interação social no grupo. A partir dela os integrantes do grupo hierarquicamente bolsistas, supervisor, orientador e coordenador se encontram dentro da rede PIBID, tornando o nível de poder descentralizado. O termo *pibideiro* é responsável pela transformação das estruturas hierárquicas existentes.

Uma vez que a sociedade moderna esta em constantes mudanças, o neologismo *pibideiro* pode vir a compor o léxico da língua portuguesa, todavia pode cair no esquecimento ou se tornar um termo de uso restrito por integrar o vocabulário de um determinado grupo social, pois como afirma Hall: “as identidades mudam de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, uma identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”(1999:21).

Bakhtin afirma que, “não são só palavras que pronunciamos ou escutamos. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.(2002:95) De tal modo percebemos que a palavra *pibideiro* não é apenas um signo lingüístico, é parte de nós, são nossos sentimentos subjetivos alinhados ao lugar objetivo que ocupamos no mundo social e cultural.

Sendo a palavra um fenômeno ideológico por excelência, conforme menciona Bakhtin, a escolha do referido signo revela-se mais do que uma simples forma. *Pibideiro* transporta as marcas da identidade desse grupo, propiciando um movimento de interação social dentro e fora desse grupo, assim, que se constitui à nova cultura.

Considerações Finais

Concluimos que, neste estudo o significante *pibideiro*, apesar de suas várias acepções, é concebido no intuito de denominar o profissional que trabalha ou é oriundo do PIBID. Também, essa palavra pode ser usada na forma adjetiva.

O neologismo supracitado atualmente é de uso restrito do grupo PIBID, com efeito, pode vir a compor o léxico da língua portuguesa, pois, serve para denominar e identificar a referida comunidade.

Em suma, o termo *pibideiro* contribui para a construção de um novo grupo social, constituindo assim uma nova cultura. Dessa forma percebemos que, a compreensão de cultura exige que se pense nos diferentes povos, nações, sociedades e grupos humanos, visto que estes estão em constante mudanças e, interação.

Referências

- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.
- BASILIO, Margarida. **Teoria lexical**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BECHARA, Evanildo Calvacante. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CÂMARA, Jr. J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 31ª ed. Petrópolis, 2000.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **Lições de morfologia da língua portuguesa**. Jacobina: Tipô - Carimbos, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 1999.
- PASCOALIN, Maria Aparecida. **Minigramática/Paschoalin & Spadoto**. São Paulo: FTD, 1997
- SILVA, Mª C., KOCH, I. **Linguística aplicada ao português: morfologia**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ZANOTO, Normélio. **Estrutura mórfica da língua portuguesa**. 3ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1996.